

DAS FORMAS DE O HOMEM ESTAR NA LÍNGUA: INTERDIÇÃO, EUFEMISMOS E ENUNCIÇÃO EM BENVENISTE

Elisa Marchioro Stumpf¹

elisa.stumpf@gmail.com

RESUMO: Este trabalho, de natureza teórica, tem como objetivo refletir acerca das possibilidades de ampliação teórico-metodológica da teoria da linguagem proposta pelo linguista Émile Benveniste com vista ao estudo da relação entre língua e cultura. Para tanto, parte-se das elaborações presentes nos textos “Eufemismos antigos e modernos” (1949) e “Blasfemia e eufemia” (1969), para ver em que medida elas podem oferecer contribuições teórico-metodológicas à análise de fenômenos linguístico-culturais, particularmente as interdições linguísticas e os eufemismos. Em linhas gerais, no primeiro texto, Benveniste, além de elucidar o próprio sentido da palavra eufemismo, oferece exemplos de análise em que este fenômeno se verifica; no segundo texto, o autor procura explicar a relação entre blasfemia e eufemia, entendendo-as como atividades simétricas, mas em direções opostas, abordando a motivação e o quadro locucional da blasfemia e as modificações linguísticas introduzidas pela eufemia. A partir da leitura desses dois artigos, busca-se propor uma maneira de analisar fenômenos linguísticos que colocam em evidência as relações culturais materializadas na língua. Em outras palavras, procura-se entender quais as potencialidades das reflexões benvenistianas para a compreensão das relações entre língua e cultura, em geral, e da interdição linguística e eufemismo, em particular. Parte-se, enfim, do pressuposto segundo o qual tais temas estão intimamente relacionados a questões de língua e cultura, problemáticas também abordadas por Benveniste em sua obra.

Palavras-chave: Émile Benveniste; blasfemia; eufemismos.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca explicitar as contribuições do linguista Émile Benveniste para o estudo de fenômenos que dizem respeito à relação entre língua e cultura. Mais especificamente, nosso foco neste trabalho recai sobre dois textos do autor – “Eufemismos antigos e modernos” (1949) e “A blasfemia e a eufemia” (1969) – a fim de verificar de que forma eles podem iluminar um fenômeno do *eufemismo*. O aporte benvenistiano permite contribuir para explorar

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na linha de pesquisa Análises textuais, discursivas e enunciativas.

a relação entre língua e sociedade (incluindo-se aí a cultura) e, principalmente, para pensar o eufemismo dentro de um quadro de interlocução, o que significa não defini-lo *a priori*, mas considerá-lo em uma situação de discurso e na interação entre interlocutores, com destaque para o papel do ouvinte na sua apreensão. Além disso, esse trabalho também visa apontar possíveis contribuições da leitura desses textos para a reflexão sobre a obra benvenistiana, em especial no que diz respeito ao conceito de enunciação.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que este estudo encontra apoio em uma perspectiva de leitura da obra de Benveniste que busca dar conta da dimensão antropológica do pensamento do autor. Para tanto, toma-se como axioma basilar de suas reflexões a ideia de que “o homem está na língua”, o que implica conceber o homem de forma conjunta com a linguagem. Assim, pode-se tomar como exemplo o estudo dos pronomes, uma das formas tradicionalmente exploradas na perspectiva enunciativa. Se antes esse estudo era considerado mais restrito à descrição de marcas de subjetividade em enunciados, atualmente vemos como ele pode mostrar que a teoria da linguagem (e não apenas a teoria da enunciação) presente na obra benvenistiana fornece subsídios para pensar um projeto de uma ciência geral do homem. Sustenta-se, assim, que essa nova forma de pensar a teoria mostra-se útil em estudos sobre as “atividades significantes dos homens em qualquer tipo de interação social” (TEIXEIRA, 2012, p. 72). Corroboram Flores (2014, p. 191), ao afirmar que “Benveniste possibilita ancorar uma linguística verdadeiramente preocupada com as formas da presença do homem na língua; uma presença inventiva, que não poderia ser desvinculada da noção de cultura”. Consideramos o eufemismo um fenômeno privilegiado para este estudo, visto que, dada sua origem em interdições de ordem cultural, podemos constatar como a cultura deixa vestígios na língua. Além disso, esse fato aponta para a indissociabilidade entre homem e linguagem, pois mostra como o homem encontra formas de contornar as interdições, se apropriando da língua para expressar sua relação com o mundo.

Em segundo lugar, cabe destacar também que, embora ambos os textos estejam publicados na obra mais conhecida de Benveniste, *Problemas de Linguística Geral I e II*, eles encontram-se em uma seção tradicionalmente pouco explorada, intitulada “Léxico e cultura”. Nela, encontram-se textos em que o linguista aborda a relação entre língua e sociedade a partir do ponto de vista semiológico, focando seus estudos no léxico, para mostrar como a língua serve de interpretante da sociedade². Para Dessons (2006, p. 52), não se pode tomar essa relação

² Esse raciocínio encontra-se desenvolvido no artigo “Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1970), publicado no livro *Problemas de Linguística Geral II*.

como da ordem do registro, pois “o léxico só tem valor se ele for relacionado à historicidade dos discursos que dele se apropriam, que medeiam a relação semiológica da língua à realidade social designada”³. O conceito fundamental mobilizado em tais textos é o de significação que, ao contrário da designação, diz respeito aos valores assumidos pelo léxico em um sistema de signos (DESSONS, 2006). É explorando esse raciocínio que se pode esboçar um estudo que coloque em relação língua e cultura na atividade do sujeito falante.

De natureza teórica, este trabalho foi organizado de forma a iniciar com uma leitura dos dois textos em questão. O primeiro texto, intitulado “A blasfemia e a eufemia”, traz importantes contribuições de ordem teórica para o estudo dos eufemismos e, por isso, é analisado antes. Além disso, apresentamos as reflexões advindas das notas preparatórias deste texto realizadas por Aya Ono (2012), que enriquecem a leitura aqui exposta. O segundo texto, “Eufemismos antigos e modernos”, oferece alguns exemplos de análise de eufemismos. Em seguida, fazemos algumas considerações a respeito das contribuições, de natureza tanto teórica quanto metodológica, advindas dessa leitura, procurando mostrar como tais reflexões contribuem para um estudo da enunciação que leve em consideração sua dimensão antropológica.

1. “A BLASFEMIA E A EUFEMIA”

O texto intitulado “A blasfemia e a eufemia” foi publicado nas atas de um colóquio voltado para a linguagem teológica (“*L’analyse du langage théologique: le nom de Dieu*”), ocorrido em Roma em janeiro de 1966 (as atas foram publicadas em 1969). Sua brevidade, entretanto, não corresponde a sua complexidade. Como afirma Ono no seu estudo das notas preparatórias, “as ideias expostas se situam no cruzamento de várias problemáticas interessantes e podem fornecer um rico material para nossa reflexão sobre alguns conceitos-chave da linguística benvenistiana”⁴ (2012, p. 77).

Além disso, cabe fazer uma ressalva a respeito do próprio assunto do texto. De acordo com o dicionário Larousse, “*blasphème*” é definido como “fala ou discurso que ultraja a divindade, a religião ou aquilo que é considerado como respeitável ou sagrado”⁵. Embora, à

³ No original: “*le lexique n’a que de valeur que s’il est rapporté à l’historicité des discours qui se l’approprient, que médiatisent la relation sémiologique de la langue à la réalité sociale désignée*”. Tradução nossa, assim como as demais presentes no artigo.

⁴ No original: “*les idées qu’il expose se situent au croisement de plusieurs problématiques intéressantes et peuvent fournir de riches matières à notre réflexion sur certains concepts clefs de la linguistique benvenistienne*”.

⁵ No original: “*parole ou discours qui outrage la divinité, la religion ou ce qui est considéré comme respectable ou sacré*”.

primeira vista, esse vocábulo pareça dizer respeito apenas ao domínio da religião, pois, se é verdade que muitas religiões consideram o ato de blasfemar como crime, pode-se dizer o mesmo de muitas sociedades. Para Levy (1993), a blasfêmia é um crime que pode ser punido mesmo no âmbito civil, pois considera-se que tolerá-la equivale a aprová-la, convidando outros a fazer o mesmo e colocando em perigo a unidade da sociedade, na medida em que questiona e coloca em xeque uma crença coletiva.

Ainda que a blasfêmia não seja o objeto de estudo de Benveniste no artigo em questão, conforme veremos abaixo, é interessante notar a importância que esse assunto tem para a sociedade francesa. A blasfêmia não era apenas considerada como um pecado – imperdoável, de acordo com Marcos 3:29 – na esfera do catolicismo, mas estava presente na regulamentação legal da sociedade enquanto crime. Na França, o delito da blasfêmia, introduzido nas leis no século XIII, foi delas retirado apenas em 1881, com a instauração da liberdade de imprensa (LESAFFRE, 2012). A leitura do artigo “A blasfêmia e a eufemia” certamente deixa entrever a relevância desse tópico, do qual Benveniste irá reter um aspecto – a própria pronúncia do nome de Deus.

Para iniciar a discussão, é importante, de imediato, esclarecer o vocabulário utilizado por Benveniste. No início do texto, Benveniste explica a terminologia empregada, afirmando que os termos “blasfêmia” e “eufemia” são neologismos. Isso acontece por dois motivos. Em primeiro lugar, é importante não confundir “blasfêmia” com “blasfêmia”. Para o autor, esta última é definida como “asserção difamante relativamente à religião ou à divindade” (2006, p. 259). Em outras palavras, blasfêmia é uma ofensa verbal que envolve o âmbito religioso. Já a blasfêmia é entendida pelo autor como “um processo de fala ... [que] consiste, de uma certa maneira, em substituir o nome de Deus por sua injúria” (p. 260). Assim, a primeira função do neologismo “blasfêmia” serve para distingui-lo do termo já existente “blasfêmia”. A segunda função está relacionada com o outro termo introduzido pelo autor: a eufemia. Para Benveniste, essa similitude tem duas finalidades. A primeira é de associar os dois termos, que não costumam ser estudados de forma conjunta; a segunda, de propô-los como atividades simétricas.

Pode-se entrever aqui a proposta de Benveniste: estudar a blasfêmia e eufemia como atividades correspondentes, mas, como ressaltado pelo autor, como forças opostas. O resultado da ação da blasfêmia e da eufemia é a imprecisão, definida como “expressão blasfêmica por excelência” (2006, p. 259). Segundo Benveniste, a imprecisão pertence ao domínio da linguagem, mas seu estudo é geralmente relegado ao léxico e à fraseologia, visto que o linguista não sabe como lidar com tais expressões típicas. Ressalta-se que, nas notas preparatórias, é

possível ver como isso leva Benveniste a questionar a linguística da época. Em sua opinião, para a linguística que se intitula “moderna”, esse tipo de questão não é contemplado; entretanto, “a linguística não pode negligenciar o homem na língua”⁶ (ONO, 2012, p. 79). Isso nos permite afirmar que a linguística idealizada por Benveniste, que introduziu a própria noção de discurso na ordem do dia das discussões, deve, sim, dar conta das relações entre homem e linguagem e, dessa forma, contemplar fenômenos considerados “marginais” tais como a blasfêmia.

Além disso, se considerarmos que os estudos da linguagem, por muito tempo, tiveram um caráter prescritivo e eram vistos como uma instância reguladora do “falar bem”, conseguimos perceber que incluir, na linguística, a blasfêmia e outros fenômenos que dizem respeito à expressão das emoções implica se deparar com uma contestação das leis fundamentais da língua, com uma espécie de “anti-gramática” que iria contra uma linguística preocupada em estabelecer regras de bom uso da língua (ONO, 2012, p. 79).

Embora esses fenômenos pertençam ao domínio da linguagem, as notas preparatórias do texto mostram que Benveniste vislumbrava que seu estudo deveria envolver uma pesquisa empreendida em várias outras disciplinas, como religião, literatura e psicanálise. Prova disso é, para Ono (2012, p. 77), a presença de diferentes autores pertencentes a tais domínios nas notas. Nos estudos linguísticos, entretanto, “não se retém da imprecisão senão os aspectos pitorescos, anedóticos, sem prender-se à motivação profunda nem às formas específicas da expressão” (BENVENISTE, 2006, p. 259). O objetivo do autor, neste texto, é justamente discorrer sobre as causas da blasfêmia e sobre o que denomina de quadro locucional, ou seja, como e em que circunstâncias ela se manifesta no discurso.

Iniciemos, então, pela motivação da blasfêmia. Segundo o autor, nas línguas ocidentais, a blasfêmia e suas diversas manifestações linguísticas provém da “necessidade de violar a interdição bíblica de pronunciar o nome de Deus” (BENVENISTE, 2006, p. 260). Deve-se esclarecer que a proibição não diz respeito ao simples fato de falar *sobre* Deus, mas, sim, de pronunciar o seu próprio nome, resultando na supressão dessa palavra do repertório linguístico. Encontra-se aí, portanto, um paradoxo próprio dos tabus: “este nome deve ao mesmo tempo continuar existir enquanto ‘interdito’” (BENVENISTE, 2006, p. 260). De fato, esse parece ser o interdito máximo, por pelo menos dois motivos. Em primeiro lugar, é acompanhado de consequências extremamente negativas⁷. Além disso, a interdição sobre a

⁶ No original: “*la linguistique ne doit pas négliger l’homme dans la langue*”.

⁷ Benveniste não especifica quais seriam as punições, mas a tradição judaico-cristã previa diferentes castigos corporais para quem pronunciasse o nome de Deus (LEVY, 1993). Na esfera civil, Nash (2007) mostra como as leis contra blasfêmia estabeleceram diferentes tipos de penas na sociedade francesa entre os séculos XIV e XVII, desde mutilações até mesmo a morte.

pronúncia do nome de Deus é observada até mesmo em sociedades que ignoram quando esse tabu diz respeito à pronúncia do nome dos mortos. Isso decorre da crença segundo a qual a mera pronúncia de tais nomes poderia fazer o morto voltar ao mundo dos vivos (ONO, 2012, p. 84). Nota-se que as duas interdições (falar o nome dos mortos e falar o nome de Deus) são orientadas pelo mesmo princípio: a identificação entre falar e existir. Assim, pronunciar um determinado nome seria invocar a existência deste ser no mundo, ponto ao qual voltaremos mais adiante.

Ocorre aqui o único recurso a um autor fora da linguística: Benveniste utiliza-se das reflexões de Freud para explicar a natureza dos tabus. Segundo o psicanalista, o tabu se caracteriza por ser uma proibição antiga contra os desejos mais fortes do homem, determinada por alguma autoridade exterior. Para Benveniste, ao profundo desejo humano de profanar o sagrado sobrepõe-se o interdito do nome de Deus. Isso se deve ao fato que

[...] a tradição religiosa não quis reter senão o sagrado divino e excluir o sagrado maldito. A blasfêmia, à sua maneira, pretende restabelecer essa totalidade, profanando o próprio nome de Deus. Blasfema-se o *nome* de Deus, pois tudo o que se possui de Deus é o seu *nome*. É só por aí que se pode atingi-lo, para comovê-lo ou para feri-lo: pronunciando seu nome. (BENVENISTE, 2006, p. 260, grifos do autor)

Aqui, Benveniste traça um paralelo entre o juramento e a blasfêmia. O único momento em que o nome de Deus é invocado fora do culto é o juramento. Deus, como testemunha máxima da verdade, faz-se presente no juramento, visto que este é um apelo a Deus e a pessoa que jura está sujeito ao castigo divino em caso de perjúrio. A blasfêmia também traz o nome de Deus, tomando-o como testemunha, visto que ela funciona como um juramento de ultraje.

Ono (2012) mostra que a questão do juramento (e sua relação com a blasfêmia) se faz presente de maneira mais intensa nas notas preparatórias do que no texto final. A primeira característica que os une é o fato de serem ambos performativos.⁸ Ademais, ambos apresentam uma origem religiosa comum. Entretanto, os dois diferem no que diz respeito à atitude do locutor, pois enquanto o juramento é um ato de crença (“*acte de croyance*”), blasfêmia é o escárnio (“*dérision*”) de um ato de crença.

Ao explicar o quadro locucional da blasfêmia, Benveniste destaca primeiramente a própria forma de expressão. Falar sobre este assunto requer que se entre no domínio da expressão emocional e, contrariamente ao que se poderia imaginar, esse campo tem suas regras e sintaxe próprias. De acordo com o autor, “a blasfêmia se manifesta como *exclamação*, ela

⁸ Um enunciado performativo, de acordo com Austin (1990), é aquele que, quando proferido em certas circunstâncias, realiza uma ação (diferentemente de um enunciado constativo, que descreve ou relata situações).

tem a sintaxe das interjeições, das quais constitui a variedade mais típica” (2006, p. 261, grifos do autor). Para Benveniste (2006, p. 261), ser considerada como exclamação é uma característica fundamental, pois a “imprecação é bem uma palavra que se ‘deixa escapar’, sob a pressão de um sentimento brusco e violento”. Segundo Ono (2012), essa característica recebe um destaque maior nas notas preparatórias. De acordo com a autora, “a nota do *folio* 348 do nosso arquivo chega mesmo a utilizar a imagem de um vulcão para descrever a imprecação como uma ‘explosão’, assinalando que é esta a sua ‘natureza primeira’”⁹ (2012, p. 81). Além disso, Ono nota que os termos “expressão” e “explosão” são utilizados como sinônimos e, inclusive, empregados de forma intercambiável.

De maneira distinta das interjeições onomatopéicas (*oh!*, *ai!*, etc.), a blasfemia utiliza formas significantes. Ainda que tenham um sentido, essas palavras não comunicam, mas somente expressam, pois não se referem a nenhuma situação particular. Sendo assim, a mesma palavra pode ser pronunciada em várias circunstâncias distintas e exprime somente a intensidade de uma reação a tais circunstâncias. Ademais, elas não transmitem mensagem alguma, e não dão abertura a um diálogo, visto que não se dirigem nem a um parceiro de interlocução (tu) - cuja presença não é necessária - , nem a uma terceira pessoa (ele). As imprecações tampouco descrevem aquele que a emite (eu), pois “este se trai mais do que se revela” (BENVENISTE, 2006, p. 261). Aqui, podemos perceber os vestígios das reflexões de Benveniste a respeito do papel da emoção nesse tipo de enunciação e a força com a qual a se depara o locutor no momento de pronunciar uma imprecação.

Embora sejam frutos de uma descarga emotiva, as imprecações se realizam em fórmulas fixas. Na descrição da forma linguística, Benveniste explica que a forma de base é a exclamação “nome de Deus”, costumeiramente reforçada com um epíteto que destaca a transgressão: “sagrado nome de Deus”. “Deus” pode ainda ser substituído por alguma outra entidade religiosa, tal como madona ou virgem. Além disso, pode-se acentuar a imprecação ao utilizar, no lugar do “nome”, o “corpo” ou algum órgão, ou ainda a sua “morte”, reduplicando a expressão. Outro mecanismo possível é simplesmente invocar o nome do Diabo, o anti-Deus.

Através dessas formas, o homem transgredir o interdito em um momento cuja intensidade leva-o a invocar o nome de Deus. Entretanto, Benveniste ressalta que “esta exclamação suscita imediatamente uma censura” (2006, p. 262). Ou seja, o fato de pronunciar tal imprecação é acompanhado de uma tentativa de modificá-la. Aí temos o que o linguista

⁹ No original: “*la note du folio 348 de notre dossier va d’ailleurs jusqu’à utiliser l’image du volcan pour décrire le juron comme une ‘explosion’, soulignant que c’est là son ‘premier caractère’*”.

chama de eufemia. Ela mantém o quadro locucional da blasfemia, mas insere três tipos de modificações na expressão linguística. Em primeiro lugar, pode-se substituir o nome de “Deus” por outro termo qualquer. Em segundo lugar, é possível mutilar a palavra “Deus” por meio da supressão da sílaba final ou substituição por uma sílaba de mesma assonância. Em terceiro lugar, pode-se ainda criar uma forma *nonsense* no lugar da expressão blasfêmica.

Fica claro, no final no texto, porque Benveniste afirma no início que a blasfemia e a eufemia devem ser estudadas de forma conjunta. Além disso, entende-se porque elas são “atividades simétricas” que funcionam como “forças opostas”. De acordo com Benveniste, “a blasfemia subsiste, mas é mascarada pela eufemia que lhe subtrai a realidade fêmica, portanto sua eficácia sêmica, tornando-a literalmente destituída de sentido” (2006, p. 262). Através dessa atuação conjunta, a blasfemia é não é realizada, embora continue fazendo uma alusão à profanação de linguagem. Ou seja, a palavra perde seu sentido blasfematório; entretanto, o falante realiza sua intenção, que pode ser apreendida pelo ouvinte. Ela preenche, dessa forma, a função psíquica e o desejo de transgredir o tabu, mas é disfarçada pela eufemia.

Como afirmamos anteriormente, a importância desse texto não pode ser balizada por seu tamanho, tampouco por sua temática, que parece restrita à primeira vista. Sua data de publicação mostra que ele é contemporâneo de “O aparelho formal da enunciação”, um dos principais textos para se entender o conceito de enunciação formulado por Benveniste. Além disso, em ambos se faz presente a questão da enunciação, ou seja, do que falar quer dizer. Embora o artigo não use o termo “enunciação”, ele aparece de forma constante nas notas preparatórias, nas quais a blasfemia é entendida como um ato de enunciação (ONO, 2012, p. 78). Primeiramente, Ono mostra como algumas notas de ambos os artigos qualificam a blasfemia e a enunciação como atos repentinos e expressivos. Para a autora, pode-se pensar que a linguagem é entendida como algo que surge do próprio ato de falar, de forma tão forte que ultrapassa o indivíduo.

Além disso, Ono problematiza o trecho “o nome de Deus não pode passar pela boca, pois o ato de pronunciar imprime um traço no mundo, e o nome é o ser”¹⁰. A autora compara esse trecho com a caracterização que Benveniste faz da enunciação como algo evanescente, o que pode parecer contraditório. Como entender a caracterização da blasfemia como algo que “imprime um traço no mundo” se toda a enunciação se apaga logo depois do seu proferimento? De acordo com Ono, pode-se pensar que essa característica não se restringe apenas à pronúncia

¹⁰ No original: “*le nom de Dieu ne doit pas passer par la bouche, car l’acte de prononcer imprime une trace dans le monde, et le nom c’est l’être*”.

do nome de Deus, pois toda enunciação imprimiria algo no mundo. De fato, a enunciação se realiza em uma instância de tempo, e embora irrecuperável, ela age sobre o mundo e nele deixa seus traços. Isso nos leva a pensar no peso que a enunciação tem, pois, uma vez que o homem fala, não se pode voltar atrás. é pela palavra que a existência dos seres no mundo é assegurada. De acordo com a autora, esse trecho merece destaque pois seria por essa via que poderíamos encontrar a visão do autor a respeito da quintessência da linguagem.

Assim, além da preciosa contribuição que o texto (e as notas preparatórias) traz sobre os fenômenos vizinhos à questão do texto (interdição cultural, tabu, imprecisão e eufemismo), pode-se constatar também a importância desse tema na própria teorização constantemente (re)elaborada pelo autor a respeito da linguagem e, mais especificamente, as formas por meio das quais o homem se encontra nela. Para Ono (2012), pensar sobre a imprecisão levou Benveniste a pensar sobre a própria essência da linguagem e a considerar que muitas das características da blasfemia podem ser estendidas a outros tipos de enunciação.

2. “EUFEMISMOS ANTIGOS E MODERNOS”

Se o texto anterior tem um caráter mais conceitual, neste vemos Benveniste partindo da conceituação de eufemismo para analisá-los, fornecendo pistas em relação à metodologia a ser empregada. O linguista inicia esse texto, publicado em 1949 na revista *Die Sprache*, fazendo um esclarecimento a respeito do próprio termo “eufemismo”. De acordo com dicionários, a palavra “eufemismo” teria dois sentidos opostos. O primeiro seria “dizer palavras de bom augúrio” (BENVENISTE, 2005, p. 340), de onde se deriva “evitar as palavras de mau augúrio” e, conseqüentemente, “fazer silêncio”. O segundo seria o oposto disso: “gritar em triunfo”. Para Benveniste, ocorreu uma confusão entre os valores de língua e os valores de fala. Ele esclarece que a significação própria é positiva e significa somente “emitir palavras de bom augúrio”. Entretanto, o sentido negativo foi formado a partir do seu uso e é a partir da análise das circunstâncias de uso que o autor chega à conclusão de que o sentido do verbo nunca se modificou, mas que foram os seus empregos que determinaram o sentido negativo.

Isso já fornece um indicativo a respeito de como estudar um eufemismo. É necessário, para Benveniste (2005, p. 342), “reconstituir, tanto quanto possível as condições do emprego no discurso falado”. Isso se deve ao fato de que, de acordo com o autor, o eufemismo só pode ser considerado como tal em relação a uma situação. Além disso, o papel da situação é importante porque é ela que determina o tipo de expressão eufemística utilizado.

Nas palavras de Benveniste, “tudo depende da natureza da noção que se quer tornar presente no espírito, evitando no entanto designá-la” (2005, p. 342). Se a noção é reprovada social e moralmente de forma permanente, o eufemismo deve ser constantemente renovado, pois a expressão acaba sendo contaminada. Outras noções, entretanto, têm um caráter desfavorável apenas em determinadas ocasiões. Nesses casos, “a expressão será direta ou receberá um substituto” (2005, p. 342).

Benveniste começa a ilustrar tal fenômeno analisando a associação entre “*de bonne heure*” e “*tôt*” no francês, mostrando que a manhã era um período do dia que propiciava sua interdição a partir de vestígios das culturas romanas e bérberes deixados no vocabulário. Por ser o período em que se decide a sorte do dia (boa ou ruim), a manhã foi qualificada como “*bonne heure*”. Dessa forma, qualifica-se esse momento como algo favorável na esperança de que isso decida o destino do dia. O processo em questão “consiste em dotar de um nome fasto uma noção nefasta (BENVENISTE, 345, p. 345).

Entretanto, esse não é o único processo possível de formação de eufemismos. Outro mecanismo seria dessacralizar uma palavra considerada má, que é então substituída por um equivalente distante ou enfraquecido. Um exemplo desse último processo é as diversas maneiras de dizer “matar” em grego. Para explicar isso, Benveniste recorre a um texto de Heródoto e mostra novamente como o uso do eufemismo é determinado pelas circunstâncias. Em um dado momento, influenciado por uma profecia ruim, Astíages ordena a morte do filho de sua filha dizendo “mate-o”, ordem que é retransmitida por Hárpago a Mitradates com a mesma expressão. Entretanto, em um outro momento, Astíages questiona Hárpago a respeito de sua ordem anterior, utilizando a expressão “perecer”. Em outros trechos, pode-se constatar o mesmo processo: uma palavra mais bruta empregada em um determinado momento e outras mais suaves, em momentos posteriores (“perecer”, “ser executados”, “se deu um fim”). Sua análise mostra que determinadas expressões são utilizadas como um eufemismo para “matar” em casos “nos quais o sentimento proscovia a expressão crua” (BENVENISTE, 2005, p. 346).

Outro exemplo desse processo é o sentido de “executar” como “pôr à morte” e outras palavras do mesmo campo semântico. Benveniste oferece a análise das palavras que designam aquele que leva os outros à morte, o carrasco. Aqui, vemos claramente a relação entre língua e sociedade, pois “o descrédito que se ligava à função de carrasco o fez denominar em grego por meio de eufemismos” (BENVENISTE, 2005, p. 346). No latim, contudo, o nome escolhido é uma injúria: “*carnuflex*”, ou seja, aquele que imola carnes de homem. Entretanto, o autor repara em algo de singular nessa palavra, indicando que, na verdade, ela se trata de uma tradução do grego “açougueiro”. De acordo com a explicação do linguista, “o latim transformou então em

designação do “carrasco” o nome grego do “açougueiro”, o que é apesar de tudo uma espécie de eufemismo, reservando para “açougueiro” a palavra *macellarius*” (BENVENISTE, 2005, p. 346).

Destaca-se, nesse texto, a capacidade do autor de relacionar língua e cultura. Isso se dá tanto de forma mais ampla, quando se observa a maneira como a língua comporta vestígios da cultura, como ilustrado na análise da expressão “*de bonne heure*”, quanto de maneira mais específica, caso da análise feita a respeito do uso de “matar”. Com esse exemplo, Benveniste mostra claramente como o uso é determinado pela situação e pelos interlocutores.

3. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Conforme nosso objetivo neste estudo, interessa-nos agora refletir acerca das contribuições feitas por Émile Benveniste para o estudo dos eufemismos com base nos dois textos tratados acima. Em primeiro lugar, ressalta-se que a teoria proposta pelo linguista apoia-se em uma visão não referencialista de língua. Para Benveniste, o referente não entra em jogo na enunciação, mas sim a referência, que é a cada vez definida pela situação em que uma dada unidade linguística é empregada (FLORES et al, 2009, p. 197). Como apontado no texto “Eufemismos antigos e modernos”, os processos de formação de eufemismo são de duas ordens: ou se ameniza a noção ou se “dessacraliza” a expressão. Assim, não há menção a uma realidade extralinguística que deveria ser atenuada, mas, sim, a um funcionamento linguístico-discursivo das palavras no enunciado.

Além disso, a situação é determinante para a consideração dos eufemismos. Conforme explicado por Benveniste, é ela que define o mecanismo em jogo na formação do eufemismo. Por situação de discurso, entendemos a relação entre locutor e alocutário em determinadas instâncias espaciais e temporais. É a partir da análise desses elementos que o linguista poderá dizer se as expressões utilizadas são ou não um caso de eufemismo, como evidencia a análise do texto de Heródoto.

Outro elemento que se faz presente na análise mencionada e que diz respeito à situação é a influência da emoção. Embora esse tema tenha mais espaço nas notas preparatórias ao artigo “A blasfemia e a eufemia”, pode-se constatar no texto o papel dos sentimentos no momento da enunciação. Sob o efeito de uma forte emoção, o sujeito é levado a transgredir uma interdição e acaba sendo traído por seus sentimentos. No texto “Eufemismos antigos e modernos”, vemos o papel da emoção operando na análise do mesmo texto de Heródoto. Ao analisar o jogo de empregos de “matar” e outras expressões, Benveniste afirma que se nota um contraste entre “a

noção brutal formulada numa decisão e a expressão mais vaga no momento da execução” (2005, p. 345).

É importante também considerar a motivação por trás do eufemismo. Como explicado pelo autor, a blasfemia vem da necessidade de violar uma interdição imposta pela Bíblia, que proíbe a pronúncia do nome de Deus. O recurso a Freud serve para mostrar o quanto os tabus geram uma conduta ambivalente no homem, ou seja, à interdição se soma o desejo de transgredi-la. Como vimos anteriormente, é assim que entra a eufemia como um processo de correção da imprecação, o que permite ao homem realizar uma profanação, ao mesmo tempo que a disfarça. Além disso, Freud também explica que o tabu é algo imposto de fora, ou seja, a interdição é de ordem cultural. É possível dizer que todas as sociedades têm tabus, mas a forma como eles se dão varia de uma cultura para outra.

No que diz respeito às contribuições de ordem metodológica, destacamos dois pontos. O primeiro diz respeito à reconstituição das condições do emprego. É tarefa do linguista recuperar os elementos que compõem a situação de discurso, pois é apenas a partir disso que se pode determinar se estamos ou não diante de um eufemismo. Além disso, a análise deve explicar o jogo de empregos motivado pelas circunstâncias. Isso significa que o linguista deverá evidenciar como a situação particular e os elementos nela envolvidos suscitam o uso de uma expressão em lugar de outra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse trabalho, pretendemos ilustrar o potencial da reflexão benvenistiana para a explorar questões relacionadas à relação entre língua e cultura e, mais especificamente, o fenômeno do eufemismo. O recorte efetuado consistiu na análise de dois textos do autor que não são comumente estudados: “A blasfemia e a eufemia” e “Eufemismos antigos e modernos”. Ambos encontram-se na parte dos Problemas de Linguística Geral I e II intitulada “Léxico e cultura”. Acreditamos que a leitura detalhada desses textos, assim como de outra obra publicada por Benveniste (*O vocabulário das instituições indo-européias*, volumes I e II), possa lançar luz sobre os estudos do autor voltados à relação entre língua e cultura. Dessa forma, há uma dupla contribuição: por um lado, o estudo desses textos mostra a amplitude da obra de Benveniste e a sua capacidade de tratar de problemáticas caras a linguistas, tais como o eufemismo. Por outro lado, dão suporte à nova perspectiva de leitura relacionada à dimensão antropológica e ajudam a entender as formas por meio das quais o homem está na língua.

O texto “A blasfemia e a eufemia” mostra como o sujeito se depara com interdições na sua atividade como falante. Embora Benveniste faça seu estudo baseado em uma interdição religiosa, acreditamos que se possa generalizar para pensar em tabus de ordem cultural. Assim, homem e linguagem são indissociáveis e o homem precisa falar para se constituir como sujeito. Entretanto, em suas “atividades significantes em qualquer tipo de interação social” (TEIXEIRA, 2012, p. 72), o homem se depara com a impossibilidade de tudo dizer, visto que em todas as culturas há diferentes tabus (como mostrado no texto “Eufemismos antigos e modernos”). As reflexões presentes nos dois textos adquirem especial relevo, pois nos permitem refletir sobre as formas que o locutor encontra para contornar as interdições, tão forte é sua necessidade de falar para se constituir enquanto sujeito. Essas formas de estar na língua, segundo Ono (2012), não podem ser negligenciadas pela linguística. Os motivos para isso, acreditamos, estão relacionados ao fato que tais formas dizem muito a respeito da relação do homem com os outros homens, com a sociedade e a cultura em que está inserido e, por fim, com a língua e a linguagem. Encontramos, em Benveniste (2006, p. 222), não só a ideia de que a linguagem, “bem antes de servir para comunicar, [...] serve para viver” (BENVENISTE, 2006, p. 222), mas também uma linguística que permite pensar as diversas experiências humanas na e pela linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.
2. BENVENISTE, Émile. Eufemismos antigos e modernos. In: _____. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005. p. 340-347.
3. _____. A blasfemia e a eufemia. In: _____. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução de Ingedore G. Villaça Koch. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2006. p. 259-262.
4. DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste: l'invention du discours*. Paris: Éditions In Press, 2006.
5. FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.
6. FLORES, V.N. et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
7. LAROUSSE. *Dictionnaire de français*. Disponível em: <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/blasphème/9774?q=blasphème#9671>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

8. LESAFFRE, Hubert. En France, le blasphème n'existe plus. *Libération*. Paris. 18 set. 2012. Disponível em: <http://www.liberation.fr/monde/2012/09/18/en-france-le-blaspheme-n-existe-plus_847187>. Acesso em: 16 jan. 2015.
9. LEVY, Leonard. *Blasphemy: verbal offense against the Sacred, from Moses to Salman Rushdie*. Chapel Hill, Londres: The University of North Carolina Press, 1993.
10. NASH, David. *Blasphemy in the Christian world: a history*. Londres: Oxford University Press, 2007.
11. ONO, Aya. « Le nom c'est l'être »: les notes préparatoires d'Émile Benveniste à l'article « La blasphémie et l'euphémie ». *Genesis*, Paris, n. 53, 2012. Disponível em: <<http://genesis.revues.org/1047>>. Acesso em: 10 nov. 2014.
12. TEIXEIRA, M. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2012.

ABSTRACT: This theoretical paper has the goal of reflecting about the possibilities of widening, both theoretically and methodologically, the theory of language proposed by the linguist Émile Benveniste in order to study the relationship between language and culture. To achieve this goal, the ideas presented in the texts “*Euphémismes anciens and modernes*” (1949) and “*La blasphémie et l'euphémie*” (1969) are studied to verify the extent to which they can offer theoretical and methodological contributions to the analysis of linguistic-cultural phenomena, particularly linguistic taboos and euphemism. In broad terms, in the first text, Benveniste offer examples of analysis of euphemisms, in addition to elucidating the meaning of the word “euphemism. In the second text, the author explains the relationship between blasphemy and “euphémie”, considering them to be symmetrical activities, although in opposite directions, and also explains the motivation and the locutory structure of blasphemy as well as the linguistic modifications caused by “euphémie”. In other words, the goal is to understand the potential of Benveniste’s ideas to in order to comprehend the relations between language and culture, in general, and of linguistic taboo and euphemisms, in particular. The article is based on the assumption that these issues are closely related to questions of language and culture, issues that are also tackled by Benveniste in his works.

Keywords: Émile Benveniste; *blasphémie*, euphemisms.